

## O regresso de Luandino

Para surpresa de muita gente, o romance com que José Luandino Vieira agora ressurgiu nos escaparates, *Nosso Musseque*, mais de vinte anos decorridos sobre a publicação do seu último livro de ?estórias?, *Lourentino, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*, é ainda um ?regresso? ao passado e não o imaginado livro de ?ruptura? que se pensava que ele pudesse escrever, partindo das suas declarações feitas em 1982, numa entrevista concedida ao ?Jornal de Letras?: ?Quando voltar a escrever é para começar qualquer coisa de novo. A minha ambição seria escrever um livro que significasse para a actual literatura angolana o que *Luuanda* significou em 1963?.

E em 1988, ainda não liberto de actividades político-profissionais no seio de um novo Estado em transe ciclópico de formação, - que aliás mobilizava outros intelectuais revolucionários ? Luandino confiava, numa entrevista concedida a Michel Laban, que, para retomar a escrita, precisava de tempo ?para voltar novamente a estar em cima de uma mulembeira?: Então é preciso a preguiça, a despreocupação e a preguiça. São só estes factores, agora, o que me impede...?

Também para surpresa de muita gente, Luandino viria a trocar a mulembeira angolana pelo pinheiro lusitano ao fixar-se, em 1992, numa serrania do Alto Minho, onde, dedicando grande parte dos seus dias a tarefas campestres, encontrou certamente o direito à preguiça que dificilmente encontraria em Luanda, prolongando um silêncio (para alguns ?clamoroso?) que cada expectante interpretava a seu modo, à espera de um livro certamente ?explosivo? (talvez porque outros camaradas seus, da literatura e da acção política, já tinham ?actualizado? as fontes de inspiração e a profissão de fé com o desejado sucesso).

No fim, Luandino mostra-se de regresso ao ?seu? musseque da cidade da infância com um ?novo? romance ? cujo primeiro título é uma reposição (agora com aprimoramento do discurso ?angolano? iniciado em *Luuanda*) de um conto publicado em 1962, na colectânea *Novos Contos d'África*, editada na então cidade de Sá da Bandeira, por ?Publicações Imbondeiro?, com o título *Os miúdos do Capitão Bento Abano*.

Se mais não houvesse para julgar, bastaria a leitura do *Nosso Musseque* para entender de palavras como as de Saint-Exupéry ? ?era da minha infância como de um país? ? que o ?musseque?, para os escritores angolanos da geração literária de 50 (como António Jacinto, Mário António, Arnaldo Santos, António Cardoso, Tomás Jorge, Aires de Almeida Santos, Ernesto Lara Filho e alguns mais), era ?o local da infância? idealizado como paradigma do ?país futuro?, ?o ?território? onde, à margem da ?cidade branca do asfalto?, na fraternidade da adolescência franca e descomplexada dos ?capitães da areia? ? brancos, negros e mestiços ? levedava a Sagrada Esperança da ?cidade de todas as cores?, onde seria reconhecido ? como diz o ?Poema híbrido? de Tomás Jorge, num livro, *Areal*, emblemático da epifania ?mussequina? ? que ?o Homem / quanto mais ariano / menos é Universal.?

Mas havia mais para julgar... A ?estória? com que Luandino reaparece, pela primeira vez, numa colecção infanto-juvenil da EXPO-98, intitulada *Kapapa (Peixes e Aves)*, e que pelos vistos não concitou a atenção especial dos adultos seus fiéis (a merecida análise deste texto exigiria outro espaço), é um eloquente, embora elíptico, ?recado? (?Kapapela? é um cartão, um bilhete, em quimbundo) sobre a razão de um silêncio, de uma solidão, de um sonho maravilhoso em que os peixes podiam voar...

Lendo-se atentamente as primeiras seis linhas (que remetem para os primeiros versos do hino do MPLA...) e as últimas três páginas, a aventura mágico-simbólica do aprendiz de pescador chamado, ?hoje e sempre?, Kapapa, a ?viagem? de Luandino ao passado tanto poderá significar, nostalgicamente, que, como escreveu Cesare Pavese: ?Nada é mais inabitável do que um lugar onde se foi feliz?, ou como Rui Duarte de Carvalho: ?Um homem não deixa nunca sem mágoa um espaço que inventou, uma nação que urdiu por escolha e amor ao chão?, como, criticamente: ?Vejam como era o ?nosso musseque?, a ?nossa Angola? ? e o que foi feito da nossa Sagrada Esperança!?

Neste contexto, o livro de Luandino é uma clara reafirmação de unidade e coerência com o princípio ? sem apostasias nem cambalhotas. Por isso, comungando com a ideia poética de que, para o escritor, escrever é um ?destino? ou uma ?respiração?, ainda ficará lugar para repetir a interrogação feita por Manuel Ferreira, em 1977, no prefácio a uma nova edição do livro *A Cidade e Infância*: ?E agora, Luandino?"